

10. Não se é cristão para si mesmo, mas com Cristo para os outros

por Julián Carrón*

Por que vale a pena ser cristão hoje, se é possível salvar-se mesmo de outras formas? Que justificação da nossa fé nos damos a nós mesmos? Este é o maior desafio que podemos receber.

Temos de verificar que razões temos para continuarmos cristãos agora, neste momento histórico. É o que nos dizia Dom Giussani: se a fé cristã não for uma experiência presente, confirmada por ela, se eu não puder ver na minha experiência a confirmação da conveniência humana de ser cristão, a minha fé nunca poderá resistir num mundo em que tudo diz o contrário.¹ Será que aconteceu, então, na nossa vida um encontro em que Cristo se mostrou como resposta para as urgências profundas da nossa humanidade? Será que podemos dizer, em razão disto, que sem Cristo nos falta a coisa mais decisiva para viver, a coisa mais querida? Será que temos, enfim, uma razão adequada para aderir a Cristo? É como se tivéssemos de nos descobrir livres perante Ele: livres para amá-Lo livremente, como dizia Péguy: “Por esta liberdade [...] sacrifiquei tudo, diz Deus, / Pelo prazer que tenho em ser amado por homens livres”.²

Aqui podemos colocar a outra questão: qual é a nossa missão, qual é a nossa tarefa no mundo? A circunstância histórica que estamos vivendo leva-nos a aprofundar a natureza do nosso ser cristãos no mundo. Bento XVI relembra-nos que “a *preexistência* de Cristo”, isto é, Seu “ser para”, é a “expressão da figura fundamental da existência cristã e da Igreja como tal [...]. Cristo, como único, era e é *para todos*, e os cristãos, que na grandiosa imagem de Paulo constituem o Seu corpo neste mundo, participam de tal *ser-para*. Não somos cristãos”, continua Bento XVI, “por assim dizer, para nós mesmo, mas sim, com Cristo, para os outros. Isso não significa uma espécie de bilhete especial para entrar na bem-aventurança eterna, mas sim a vocação para construir o conjunto, o todo. Aquilo de que a pessoa humana precisa em ordem à salvação é a íntima abertura em relação a Deus, a íntima expectativa e adesão a Ele, e isso significa, vice-versa, que nós, junto com o Senhor que encontramos, vamos rumo aos outros e tentamos tornar visível a eles o advento de Deus em Cristo”.³

Com isto fica claro o desígnio de Deus e o motivo por que nos escolheu, dando-nos Sua graça: Ele suscitou tudo o que referimos hoje, percorrendo a história de Israel até a vinda »

*Do livreto dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação 2016.

© 2016 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón «*Eu te amei com amor eterno, tive piedade do teu nada*».

» de Cristo, para vivermos já no presente a plenitude a que aspira o nosso ser e para tornarmos conhecida, através dela, Sua presença no mundo. Talvez, agora, fique mais claro por que Dom Giussani considera o “sim” de Pedro decisivo para a constituição de um protagonista novo na cena do mundo. Toda a tentativa de Deus, de Cristo, é gerar Pedro, um homem que com seu “sim” possa testemunhá-Lo no mundo, um eu que possa “ser para” todos os outros. Sem isto, não haveria o rosto humano da misericórdia na história. A iniciativa de Deus tem por finalidade gerar um eu que possa torná-Lo presente, naquela época como hoje. Por conseguinte, a tarefa da Igreja não pode ser outra que o que vimos Deus fazer ao longo da história.

“Esta [nossa] grande amizade, na qual se realiza a verdade plantada no mundo pelo mistério da morte e da ressurreição do Senhor, está toda dirigida para o mundo. O destino, a intenção profunda da comunidade cristã é o mundo, ‘para os homens’ [diz Dom Giussani]: uma dedicação profunda e apaixonada pelos homens e por seu destino, uma tendência a tornar presente dentro da trama da convivência costumeira, onde os homens sofrem, têm esperança, tentam, negam, esperam o sentido último das coisas, o Fato de Jesus Cristo, única salvação dos homens. O ‘para os homens’ é o motivo historicamente exaustivo da vida da comunidade cristã. A abertura incondicional à missão é garantia de verdade e de autenticidade da vida mesma da comunidade cristã: ‘Eu me consagro por eles, a fim de que também eles sejam consagrados na verdade’.”⁴

¹ Cf. L. Giussani, *Educar é um risco*. Bauru: EDUSC, 2004, p. 48-49.

² C. Péguy, “Il mistero dei santi innocenti”. In: Idem, *I Misteri*. Milão: Jaca Book, 1997, p. 343.

³ “Entrevista com S. S. o Papa Emérito Bento XVI sobre a questão da justificação pela fé”. In: Daniele Libanori (Org.), *Per mezzo della fede*. Cinisello Balsamo (MI): San Paolo, 2016, p. 135-136. Ver também: *L'Osservatore Romano e Avvenire*, 16 de março de 2016.

⁴ H. U. von Balthasar; L. Giussani, *L'impegno del cristiano nel mondo*. Milão: Jaca Book, 1978, p. 167-168.